Um filme-processo

Carlos Alberto de Mattos

Nada Será Como Antes. Nada? é, principalmente, produto da trajetória pessoal e profissional de Renato Tapajós. Em anos de arte e militância, ele participou e registrou algumas das mais importantes etapas da luta popular e trabalhadora no Brasil, principalmente no Estado de São Paulo. Dos movimentos grevistas às assembléias de moradores, da panfletagem aos comícios partidários, Tapajós tem comparecido com sua câmara que não se quer absolutamente imparcial — mas solidária participativa e sincronizada com o seu pensamento político.

Algumas amostras desse trabalho estão nesse médiametragem que equivale a um balanço íntimo e também a um reexame de certas práticas do ofício. Um filme didático na medida em que faz um reflexão sobre princípios, meios e fins. Para evidenciar o caráter de posicionamento pessoal, Tapajós não só utiliza a primeira pessoa em *off*, como destaca as figuras do fotógrafo e do cinegrafista na seleção das imagens. "De novo percorríamos as ruas", diz ele a certa altura, colocando-se entre os militantes do Partido dos Trabalhadores, a agremiação que merece sua simpatia. O cineasta não difere dos demais ativistas. Está integrado ao trabalho e à emoção. Lágrimas podem aflorar por trás da lente da câmara.

Retomando imagens de filmes mais ou menos recentes e reelaborando-as, Renato Tapajós procurou reproduzir um sentimento. Alguma coisa que se formou, de modo difuso, nos três últimos anos, entre a campanha eleitoral de 1982 e o início da Nova República. Um sentimento que não parece muito claro sequer para o próprio dono. Algo que passa para o espectador como um misto de desencanto e reafirmação de esperanças. O desencanto se expressa por imagens como a queima de panfletos na rua, pela profunda melancolia da música de Villa-Lobos e, sobretudo, pela manifestação de descrença no discurso político tradicional. A descrença é radicalizada com a supressão do som original, trocado por uma sucinta narração do autor em tom confessional. Ele fornece, assim, às imagens um novo sentido, ditado agora por sua própria reflexão. Esse sentido pode ser ora crítico, ora poético, de acordo com as novas intenções do realizador. Nos poucos momentos em que ressurge o som direto, é com a força e o significado revitalizados (o depoimento do jornalista na festa do PT, as discussões no Congresso Nacional das Associações de Moradores).

Ao desencanto provocado pela ineficácia das mudanças e a desunião das esquerdas, Tapajós contrapõe um sonho chamado PT. Em lugar dos sonoros pronunciamentos de palanque, surge o espetáculo da cor, o circo, o teatro popular e formas alternativas de fazer política. O PT aparece aí não como sigla ou plataforma, mas como proposta de redefinição da luta política em busca da felicidade e do prazer. A associação — ainda que poética — com as experiências de 1968 soa artificial e imprópria em meio aos abraços, rostos emocionados e ao espírito de confraternização das cenas de festas, *shows* etc. O saldo do balanço aponta para uma velha e lírica pretensão do cinema engajado: a de que os filmes podem ajudar a transformar o mundo.

A resistência do sonho é o que sobra intacto do reexame a que Tapajós submeteu sua obra e sua postura diante do fato político. Esse, portanto, é uma espécie de filme-processo, que traz implícita a sua dialética no confronto da imagem original (fatos, registro imediato) com sua reinterpretação (idéias, retrospectiva crítica). O filme leva em consideração inclusive a sua própria trajetória — desde o projeto "teórico e livresco" sobre a participação popular num regime democrático até a meditação sensível que afinal resultou. O tempo desempenha aqui uma função análoga à de *Cabra Marcado para Morrer*, de Eduardo Coutinho, servindo para transformar um projeto meramente racional numa consideração *humanizada* a respeito do país e do cinema.

Tapajós coloca em xeque, por mais de uma vez, a sua postura diante dos acontecimentos filmados, que freqüentemente o surpreendiam tomando rumos diversos do que esperava ao chegar com sua câmara. O processo de ajustamento do trabalho às circunstâncias do momento (seja ele uma assembléia, um comício ou uma ação de piquete), e sem perder de vista a *finalidade* do filme, revela-se um dos maiores desafios para o cineasta-militante. Tanto quanto o discurso político, o cinema político precisa ganhar dinâmica e ir ao encontro dos novos tempos.

Com sua estrutura ágil, o recurso da emoção e mesmo suas ingenuidades, o filme procura um contato mais vivido com o espectador pelo código do prazer estético. É tudo, como se vê, uma questão de prazer.